



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17217 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

EM DEFESA DO ENSINO DO ATO DE LER NA PERSPECTIVA HUMANIZADORA DE ALFABETIZAÇÃO: formação docente e apontamentos metodológicos

Patrícia Cristina Peixoto Coêlho Santos - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Suzana Pinheiro Nascimento - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

EM DEFESA DO ENSINO DO ATO DE LER NA PERSPECTIVA HUMANIZADORA DE ALFABETIZAÇÃO: formação docente e apontamentos metodológicos

1 INTRODUÇÃO

As concepções de leitura de muitos professores alfabetizadores refletem diretamente sobre suas práticas docentes ao realizarem interações com as crianças, trabalhando conhecimentos de letras, sílabas, pronúncias de palavras e textos diversos sem atribuição de qualquer forma de sentido, de significado e de atos humanos que possam ser vivenciados na sociedade, trazendo à tona preocupações e incertezas após o ciclo de alfabetização, por não conseguirem contribuir com o avanço das crianças de suas turmas durante os processos de ensino da leitura nessa etapa da educação.

Segundo Arena (2021, p. 3), as práticas pedagógicas dos alfabetizadores quando bem pensadas, planejadas e executadas tomando por base uma perspectiva humanizadora podem favorecer o ensino da leitura de forma significativa, pensando o ensino da leitura enquanto ato de ler. “É preciso ensinar atos de leitura e a

escrever enunciados vinculados à vida”. Essas práticas podem favorecer a formação de leitores e escritores durante todo o processo de alfabetização, respeitando a capacidade e o desenvolvimento de cada criança, seguindo as exigências de cada ano de ensino e durante toda a sua vida em sociedade.

Todo o desenvolvimento dessas práticas favorece o ensino e a aprendizagem das crianças, proporcionando grandes construções de aprendizagens em interações pedagógicas de leitura e escrita, no aperfeiçoamento da prática docente e no reconhecimento de um trabalho pedagógico satisfatório pela comunidade e seu entorno.

O ato de ler precisa fazer parte de todos os componentes curriculares na Educação Básica. E, em se tratando de processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ele deve acontecer diariamente pela criança de forma individualizada, e nas relações com o outro. Didaticamente o professor deve utilizá-lo de forma a oportunizar em sala de aula, um conjunto integrado de atividades de leitura e produções de atividades de escrita, de produção de textos orais e escritos que permitam aos estudantes viverem os atos a que se propõem ensinar no ciclo de alfabetização.

A partir do exposto se buscou responder ao questionamento central – Quais pistas teóricas podem orientar o ensino da leitura tomando por base a perspectiva humanizadora de alfabetização?

O ensino da linguagem escrita e, em especial, da leitura durante o processo de alfabetização é analisado e discutido por muitos estudiosos no meio educacional e acadêmico. Neste texto, nosso apoio teórico traz (Bajard, 2021), (Bakhtin, 2014), (Volochinov, 2014), (Vigotski, 2009). Compreendemos por meio do acesso às pesquisas educacionais desses autores acima citados que apesar desses avanços teóricos dentre outros já a disposição, o ensino da leitura ainda é algo preocupante no Brasil, devido ao grande quantitativo de crianças com dificuldade para a leitura, isto é, para a compreensão do que ler, sendo necessário estudar alternativas que favoreçam políticas educacionais que possam contribuir para a melhoria dos futuros resultados que retratam o ensino da leitura e da escrita no contexto escolar.

Coadunam com esse pensamento, Goulart e Souza (2015), Jolibert (2006), Smolka (2012) e Arena (2006), no enfoque de que é necessário refletir criticamente a prática leitora e suas exigências, pelo fato de ainda se encontrar práticas alfabetizadoras com leituras baseadas na codificação e decodificação de palavras soltas, distantes de contextos significativos.

A metodologia apresentada foi uma revisão de literatura por meio de uma abordagem bibliográfica sobre a temática baseada nos teóricos e autores já mencionados anteriormente. O resumo traz uma introdução e dois tópicos

abordando sobre: formação continuada, fazer docente no ensino do ato de ler e alguns apontamentos teórico metodológicos na perspectiva humanizadora de alfabetização, seguido das conclusões.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Formação Continuada, fazer docente alfabetizador e o ensino do ato de ler: contrapontos em evidência

Algumas práticas de alfabetização realizadas por docentes em turmas dos Anos Iniciais ainda são representadas por meio de um processo de ensino que utiliza letras, sílabas, para somente depois do reconhecimento dos signos linguísticos conceberem que as crianças são capazes de ler e escrever, aliás, codificar e decodificar, não ler e produzir textos.

A esse respeito, destaca-se a importância da formação continuada para os professores alfabetizadores, pelo fato de o “[...] espaço de formação ser um lugar de encontro com o outro e consigo mesmo, e o diálogo, o caminho de aproximação entre eles, [...]” (Ferreira, Correia, 2021, p. 21), as autoras defendem que se deve oportunizar vivenciar conhecimentos e aprendizagens em interação com o outro e a enfrentarem os desafios da sala de aula com saberes que favoreçam a eficácia das suas práticas de ensino voltadas para o ato de ler.

[...] Esta capacidade de enfrentar situações é formadora: só ela permite que o professor desenvolva certos habitus (isto é, certas disposições adquiridas na e pela prática real) que lhe darão a possibilidade de enfrentar os condicionamentos e os imponderáveis da profissão (Tardif, 2002, p.181).

Diante das problemáticas, em relação à escola de garantir a apropriação da leitura às crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, percebe-se que é relevante a realização de um trabalho com foco na formação continuada, pelo fato de o professor ser um elemento fundamental no processo de mediação do ensino e aprendizagem.

O processo de formação continuada ou permanente para os professores alfabetizadores é um elemento importante no processo educacional e deve ser discutido a partir de um conceito mais abrangente, enquanto um processo formativo de descoberta, de estudos, de pesquisa, de construção de saberes necessários à prática docente.

Abandona-se o conceito obsoleto de que a formação é a atualização científica, didática e psicopedagógica do professor para adotar um conceito de formação que consiste em descobrir, organizar, fundamentar, revisar e construir a teoria. Se necessário, deve-se ajudar a remover o sentido pedagógico comum, recompor o equilíbrio entre os esquemas práticos predominantes e os esquemas teóricos que os sustentam. Esse conceito parte da base de que o profissional de educação é construtor de conhecimento pedagógico de forma individual e coletiva (Imbérnon, 2011, p. 51).

A maioria das formações continuadas na área de alfabetização oferecidas pelas secretarias de educação no Brasil atualmente têm como fundamentos teóricos a defesa do método fônico, da silabação e memorização, tornando essas práticas pedagógicas cada vez mais cristalizadas mediante as políticas públicas emanadas do Ministério da Educação como, por exemplo, a Política Nacional de Alfabetização – PNA e o Programa Tempo de Aprender. Propostas estas diferente da que se defende neste trabalho, pois acredita-se no ensino do ato de ler enquanto prática cultural, o qual faça sentido para e na vida da criança.

As redes públicas de ensino precisam investir a cada dia na alfabetização das crianças e o investimento teórico metodológico quase sempre vem nessa direção. Olhar para os professores alfabetizadores, proporcionar momentos de escuta, conhecer a realidade das salas de aula mais de perto, perceber as reais necessidades do professor no que diz respeito à formação continuada, a recursos materiais, epistemológicos e valorização de toda a equipe escolar, tem se transformado em algo distante, pois entram políticas baseadas em certas perspectivas e saem, e os resultados permanecem iguais, crianças decodificadoras e não leitoras, codificadoras e não produtoras de texto, e professores desgastados e desacreditados.

A escola se constitui também como um possível lugar para a realização de formação continuada, por congrega a atividade profissional, a possibilidade de refletir na ação, bem como um profissional específico para promovê-la que é o coordenador pedagógico. É um ambiente onde surge e se pode resolver a maior parte dos problemas relacionados ao ensino.

A realização de formações com temas fora de um contexto local pode não trazer eficácia para o entendimento e para a prática dos profissionais da educação. Diante destas reflexões sobre a formação docente, Imbérnon (2011, p. 102-103), relata o seguinte:

Se quisermos falar de qualidade, termo tão em moda, primeiro teremos de analisar o que mudou nesses últimos vinte anos que repercutiu na formação e no ensino [...] os que participam da formação devem poder beneficiar-se de uma formação de qualidade que seja adequada às suas necessidades profissionais em contextos sociais e profissionais em evolução e que repercute na qualidade do ensino.

Trazendo para as salas de alfabetização, o professor só irá realizar atos de leitura numa perspectiva humanizadora em sua sala de aula, se tiver conhecimento sobre o processo de aquisição desses atos.

Assim, é necessária uma transformação da realidade posta, em busca de leitores autônomos, críticos e capazes de ler e compreender os textos apresentados a eles durante o processo de ensino e aprendizagem e após esse momento, durante a sua vivência na sociedade na qual estão inseridos. Precisa-se, além dos fundamentos teóricos, a ação, mesmo na incerteza, agir para mudança por meio da formação docente.

Compreender a relevância do ato de ler na perspectiva humanizadora é partir, buscar a vida lá fora nas vivências da criança, nas relações com o outro através de atos humanos e nas relações com os textos de forma individual ou coletiva.

E a escola, como um espaço de formação de leitores, fazendo parte deste ambiente uma equipe de docentes qualificados para desenvolver o seu trabalho em salas de alfabetização, por meio de formação continuada voltada para as problemáticas existentes que dificultam o trabalho pedagógico pode oportunizar junto às crianças, a realização de interações significativas, onde a presença dos enunciados – textos pode ser vista como um importante exercício de liberdade de expressão e de linguagem, proporcionando não só conhecimento de mundo, mas também a prática da leitura e da escrita.

2.2 O ensino da leitura na perspectiva humanizadora: alguns apontamentos metodológicos

O que é ler? Como se ensina a ler? Qual a importância da linguagem? Quais os atos de leitura contribuem para a alfabetização das crianças? Essas indagações são antigas, mas são preocupações atuais de muitos professores alfabetizadores que têm o desafio de ensinar a leitura e a escrita aos seus discentes.

Antes da criança começar a frequentar os espaços escolares, já vivenciou momentos em família, no seu contexto cultural e social a língua materna carregada de significados importantes para o seu desenvolvimento humano. Logo, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças estão naturalmente relacionados desde o nascimento, às interações com o meio, elas aprendem observando, experimentando e imitando as ações partilhadas pelos outros, integrando-se, assim, ativamente, as formas de atividade consolidadas de sua cultura (Vigotski, 2009).

Quando ela adentra no ambiente escolar, esse momento passa a ter grande relevância social e cultural, pois ela começa a descobrir a importância de aprender novos ensinamentos, além dos aprendidos no espaço familiar e na sociedade onde vive.

A vivência da leitura como ensino do ato de ler acontece quando há compreensão do texto gráfico nos mais variados suportes. Porém, esta vivência ainda é compreendida pelo som, através da relação grafema e fonema, por meio de letras e sílabas soltas fora de um contexto cultural, tendo como procedimento a leitura em voz alta, ou proferição de texto.

Os métodos tradicionais reforçam essa situação, já que propõem ensinar o código alfabético como pré-requisito para o encontro com textos. Essa abordagem do processo de alfabetização se reflete na proposta recente de método fônico, que pretende proporcionar acesso ao sentido apenas depois da decodificação, reativando uma visão tradicional do ensino (Bajard, 2007, p.10).

Considerando o ensino do ato de ler como um processo individual de compreensão, o educador, para realizar as mediações de leitura, precisa compreender esse processo, por exercer um papel de suma importância na vida de seus educandos, uma vez que é dentro do texto, das palavras dele com as do leitor que se constrói a compreensão (Arena, 2006).

Segundo Bajard (2021) a leitura não é um ato que antecede a compreensão; ela é a compreensão. É a investigação do sentido que leva as crianças a conquistarem os códigos em funcionamento no livro e não o domínio do código que dá acesso à leitura.

Para Bakhtin e Volochinov (2014), o diálogo se estabelece mediante a compreensão, tomada como processo crítico e responsivo, permitindo a compreensão do ensino da língua relacionado a uma forma de conceber a linguagem e que, conseqüentemente, influenciará na forma como o docente pensa o ato de ler.

Uma das formas de inserir a criança nas práticas de leitura, é ler para ela, pois embora o educando não saiba ler convencionalmente, poderá fazê-lo através da escuta do professor, já que ouvir um texto também é uma forma de tomar conhecimento do texto. Nessa ação é um momento propício para o educador garantir o acesso a diversos tipos de materiais escritos bem como abordar sobre as utilidades de cada gênero, essa prática de linguagem é muito potente e interessante para a educação infantil.

Jolibert (2006) destaca que a criança tem a capacidade de aprender pelos atos de ler, a partir de ações e vivências que façam sentido para ela, isto é, que

seja inserida em situações de vida real de uso do texto, neste caso, a criança necessita ter o texto a gente dos olhos para decifrá-lo.

Segundo Bakhtin; Volochinov (2014) a leitura é concebida como uma ação de constante movimento a qual envolve três atores: o autor, o texto e o leitor. Sendo que o leitor por ser concebido como um sujeito histórico social datado conduz para dentro do texto suas experiências culturais.

O professor alfabetizador durante o desenvolvimento da sua prática pedagógica, evidencia suas concepções teóricas sobre a alfabetização, as quais norteiam o seu trabalho durante o ensino e a aprendizagem das crianças. Suas ações podem ou não possibilitar uma compreensão dos atos de leitura a elas numa perspectiva humanizadora, bem como de integrá-los às suas vivências leitoras.

Segundo Goulart (2019, p.18):

Somos seres que vivemos dos sentidos que atribuímos ao mundo, a suas pessoas e coisas, não temos escolha. Aprendemos a significar de vários modos, sendo a escrita um importante conhecimento social, um importante modo de significar.

A leitura passa a ser compreensiva por meio da escrita quando se percebe os sentidos das palavras dentro de um contexto cultural e social. Ela atribui um valor ao conhecimento prévio que contribui para a compreensão, permitindo uma construção diversificada de sentidos determinada pelas condições sociais, culturais e históricas do sujeito.

Durante a interação na sala de aula, muitos professores que trabalham nos anos iniciais do Ensino Fundamental se sentem desafiados no processo de alfabetização das crianças, pois, “como possibilitar a inserção das crianças que não chegam à escola familiarizadas com as práticas de leitura e escrita? Como ‘tornar’ a escrita parte da vida dessas crianças? [...]”. (Goulart; Sousa, 2015, p.46).

A escrita, sem função explícita na escola, perde o sentido; não suscita, e até faz desaparecer o desejo de ler e de escrever (Smolka, 2012).

Diante dessas situações apresentadas no que diz respeito ao ato de ler e de escrever, percebe-se que são atos que vão além do som das letras, de texto sem conexão com a vida da criança, de repetição de palavras, frases e textos. Esses atos são percebidos por meio dos gestos, dos comportamentos da criança ao manusear um texto, um livro, ao conhecer um gênero textual e descobrir a sua função social no seu dia a dia. É perceber que um texto escrito pode transmitir algo que tenha grande significado para o seu aprendizado, para a sua existência na sociedade.

3 CONCLUSÃO

A partir das percepções dos teóricos e autores utilizados no estudo da temática apresentada, observamos a necessidade da realização de formação continuada para professores alfabetizadores de forma permanente, baseada na realidade em que cada docente se encontra nas instituições de ensino, diante das problemáticas e desafios vivenciados por ele durante o processo de alfabetização de crianças.

Também, acreditamos que ficou evidente nossa defesa por processos formativos cujo conteúdo vai ao encontro das necessidades dos alfabetizadores, no sentido de promover uma revolução conceitual sobre: os conteúdos da alfabetização para as salas de aula e a forma de abordá-los metodologicamente, de modo a promover uma educação que de fato forme leitores e produtores de textos, ou seja, amparar os processos formativos nos pressupostos teórico metodológicos para alfabetizar na perspectiva humanizadora de alfabetização, garantido trazer a vida para a escola, bem como os enunciados – textos para cerne do processo, além de outros pressupostos desta perspectiva que defendemos, e, dada a nossa limitação de espaço nesse texto não trazemos mais.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização Humanizadora; Formação continuada; Ato de ler.

REFERÊNCIAS

ARENA, Adriana Pastorello Buim. A alfabetização do faz de conta... **NAHum** - Núcleo de Alfabetização Humanizadora, n. 4, p. 2-3, maio/jun. 2021. Disponível em: https://nahumlescrever.com.br/wpcontent/uploads/2021/05/PERIODICO_MAI_JUN_.pdf
Acesso em: 14 ago. 2024.

ARENA, D. B. Palavras grávidas e nascimento de significados: a linguagem na escola. In: **Vigotsky e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas**. Sueli Guadalupe de Lima Mendonça e Stella Miller (orgs). Araraquara, SP: Junqueira & Marin Editores, 2006.

BAJARD, Élie. **Eles leem, mas não compreendem: onde está o equívoco?** 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2021.

_____. Élie. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.

BAKHTIN, Mikail; VOLOCHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BATISTA, Edith Maria; CORREIA, Joelma Reis (Orgs.). **Uma escola que dialoga e se reinventa**: memórias de um processo de autoformação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização. Brasília: MEC, SEALF, 2019. 54 p. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br>. Acesso em: 13 de ago.2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria** nº 280, de 19 de fevereiro de 2020. Institui o Programa Tempo de Aprender, que dispõe sobre a alfabetização no âmbito do Governo Federal, 2020. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/tempo-de-aprender>. Acesso em: 13 ago. 2024.

GOULART, Cecília Maria A. GARCIA, Inez Helena M. CORAIS, Maria Cristina. (Orgs.) **Alfabetização e discurso**: dilemas e caminhos metodológicos. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2019

GOULART, Cecília Maria Aldigueri; SOUZA, Marta Lima (Org.). **Como alfabetizar?** Na roda com professoras dos anos iniciais. São Paulo: Papirus, 2015.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2011.

JOLIBERT, Josette; JACON, Jeanette. **Além dos muros da escola**: a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.